

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS, PINTURA, GRAVURA E
ESCULTURA.

Nome do aluno(a): Vitória de Leonardo

Orientador(a): Luciano Zanette

A ABJEÇÃO COMO OPERAÇÃO REGULADORA:
PROJEÇÕES PARA A DISTANÁSIA EM PERSPECTIVA DA VIDA NUA.

RESUMO

Distanásia, na definição bioética, nada mais é que o prolongamento do estado progressivo da própria morte, que se sustenta através de meios artificiais. A partir dessa compreensão, o presente artigo traça sua relação com o abjeto, articulado por KRISTEVA (1982), que também se encontra alocado em uma zona artificial de indistinção gerada pelas estruturas de poder, também referente à concepção de “Vida Nua”, discorrida por Agamben (1995). Mediante a análise de diversos autores o artigo se constitui a partir de uma revisão bibliográfica que se desdobra para a noção de temporalidade do poder de afectibilidade¹ do corpo subversivo que está submetido a um processo contínuo de putrefação em vida, sendo essa sua própria condição de existência, que em potência pode acessar sua dimensão patosófica².

Palavras-chave: Abjeto. Morte. Vida Nua. Sujeito. Necropolítica. Biopoder. Corpo.

ABSTRACT

In the bioethical definition, dysthanasia is the prolongation of the progressive state of death itself, which is sustained by artificial means. From this understanding, the present article traces its relationship with the abject, articulated by KRISTEVA (1982), which is also located in an artificial zone of indistinction generated by power structures, also referring to the conception of “Naked Life” (AGAMBEN, 1995). Through the analysis of several authors, the article is based on a bibliographic review that unfolds to the notion of temporality of the power to be affected of the subversive body that is subjected to a continuous process of putrefaction in life, this being its own condition of existence, which in potentiality can access its pathosophical dimension.

Keywords: Abject. Death. Naked Life. Subject. Necropolitics. Biopolitics. Body.

INTRODUÇÃO

O corpo em subversão é uma tema que pode atravessar diversas questões e áreas distintas. Ele evoca processos para além da literal decomposição do corpo físico,

¹ PELBART. Peter Pál. **O avesso do Niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: n-1 edições, 2013, p.32.

² Ibid., p.39.

potencializando-se também até hoje nas mais variadas manifestações poéticas, visuais e filosóficas.

A disposição deste artigo não é fazer um levantamento exaustivo do tema a fim de esgotá-lo, mas buscar uma apreensão transversal que dê abertura para se traçar uma possível interpretação de sua relação com o abjeto³, na perspectiva de Julia Kristeva, situado no conceito e temporalidade da distanásia⁴ que aqui sugere uma condição de existência despossuída⁵ também consequente de estímulos sociopolíticos.

O biopoder (FOUCAULT, 1976) abjeta a alteridade, os corpos são hierarquizados e classificados em matáveis e não matáveis, assim na contemporaneidade o que está em jogo é a própria vida. A reflexão epistemológica para além da falência literal do corpo em dissolução, referente à Vida Nua (AGAMBEN, 1975), se potencializa quando consideramos seus possíveis atravessamentos interdisciplinares, nos possibilitando assim novas projeções e desdobramentos para se compreender a multiplicidade do sujeito contemporâneo, que em nosso contexto biopolítico se refere ao próprio corpo. O presente artigo se constitui entre interlocuções de diversos autores, através do levantamento bibliográfico e sua revisão. Para se compreender a potencialidade do corpo em subversão se fez necessário apresentar primordialmente a noção de morte na contemporaneidade, que então desdobra-se no conceito de abjeção desenvolvido por Kristeva (1982), que se constitui nos limites do sujeito, através do nascimento e da própria morte. Assim se acessa a concepção de alteridade, pois em sua lógica o abjeto é o outro.

A alteridade é o ponto crucial de estruturação para as ideias aqui presentes, assim quando se tenciona a questão do sujeito se faz necessário compreender o contexto sócio-político ao qual estamos submetidos, pois ele afeta nossas relações identitárias. Nessa perspectiva, busco destacar a própria abjeção como operação reguladora social de nosso contexto normativo, que se refere a biopolítica, articulada por Foucault (1976) e necropolítica, tensionada por Mbembe (2003), onde então por fim, se acessa a reflexão sobre Vida Nua (AGAMBEN, 1995) e distanásia, para então se projetar a noção de potencialidade do corpo em estado de subversão.

³ KRISTEVA, Julia. **Powers of horror: an essay on abjection**. New York: Columbia University Press, 1982, p.12- 13.

⁴ VILLAS-BÔAS, Maria Elisa. **Da Eutanásia ao Prolongamento Artificial**. 2005.

⁵ LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

1 LEITURA DA MORTE NA CONTEMPORANEIDADE, SUA RELAÇÃO COM O ABJETO.

São múltiplos os discursos sobre a morte, eles se desdobram de diferentes formas em reflexões de diversos autores. Philippe Ariès (1977) em sua pesquisa apresenta transformações da nossa relação sociocultural com a morte ao decorrer de diferentes períodos históricos, no século XXI, a forma como lidamos com a morte se revela presente em um paradoxo referente às suas características de “morte interdita⁶” e “morte escancarada⁷”.

A interdição da morte está relacionada ao avanço das tecnologias médicas, essa condição transformou nossa maneira de lidar com a morte, tornando-a “distante, asséptica, silenciosa e solitária.” (KOVÁCS, 2014). E justamente essas características contribuíram para seu restringimento ao tabu e direcionamento à abjeção. A “morte escancarada” se revela de forma violenta, criando situações de vulnerabilidade, que na demanda do tempo do capital e das informações infinitamente intercambiáveis ocorre sua banalização.

[...] a morte escancarada invade a vida das pessoas com violência, de forma inesperada, dificultando a elaboração do luto. Cria situações de vulnerabilidade sem proteção ou cuidado. Ocorre a banalização da morte na TV, inundando domicílios com imagens de mortes, quer nos noticiários, novelas ou filmes. É o retrato da morte indigna no século XXI. Entre mortes escancaradas indignas incluímos: assassinato, suicídio e acidentes. São mortes coletivas, anônimas e com corpos mutilados, dificultando o processo de despedida. (KOVÁCS. Maria Júlia. **Rev. bioét.** São Paulo, Instituto de Psicologia da USP, 2014. p.95).

Segundo GREINER (2007.p.13) “para analisar a exposição à morte hoje, é preciso abordar um espaço incerto que está fora dos seus clichês como tabu ou fetiche”, assim para tentar se compreender as dimensões que a morte pode acessar se faz necessário tensionar esse “espaço incerto”, destacando o lugar mais elementar ao qual a morte também pertence, a abjeção, que tem como seu cúmulo o próprio cadáver⁸, referente ao nosso próprio limite enquanto sujeito.

⁶ KOVÁCS. Maria Júlia, **Rev. bioét.** São Paulo, Instituto de Psicologia da USP, 2014. p.95.

⁷ Ibid., p.95

⁸ KRISTEVA, Julia. **Powers of horror: an essay on abjection.** New York: Columbia University Press, 1982, p.12- 13.

KRISTEVA (1982), discorre sobre o abjeto pensando na relação do sujeito-objeto, a reflexão sobre sua pesquisa pode indagar questões referentes a alteridade, pois em sua definição sobre o abjeto “ele é sempre o outro”, ele também “[...] está inserido em um lugar onde as significâncias colapsam, por isso não há o desejo de significar algo[...]”, (GREINER, 2010).

Pensar o abjeto acessando questões da alteridade é falar de sujeito e das subjetividades. Na contemporaneidade fazer projeções em perspectiva das reflexões sobre o sujeito é falar essencialmente do próprio corpo, pois segundo Greiner (2007), “hoje, o eu é o corpo. A subjetividade foi reduzida ao corpo, a sua aparência, a sua imagem, a sua performance, a sua saúde, sua longevidade”.

Esse alinhamento é inerente ao próprio contexto de biopolítica (FOUCAULT, 1976) ao qual estamos submetidos, logo seu entendimento em perspectiva da morte se reverbera nas pluralidades que podem abarcar projeções socioculturais e políticas da abjeção, atravessando assim seus limites para além do corpo.

2 CORPO E RELAÇÕES DE PODER

2.1 Abjeção como operação reguladora: biopolítica e necropolítica.

Foucault (1976), indaga sobre a questão do corpo através das relações de poder, problematizando-as. Segundo sua pesquisa, tais relações deixam de ser apenas disciplinares e se tornam também normativas, concretizando-se através da biopolítica, que faz uso do biopoder para “docilizar os corpos e manter o controle social”.

A pressão civilizatório do Estado que se dá através da biopolítica com artifícios do biopoder desdobrando-se em um contexto normativo, ao mesmo tempo em que faz

uma gestão da vida, formalizando que esses corpos sejam enquadrados em determinadas condutas e classificados de determinada maneira, a serem hierarquizados a partir de marcadores de gênero, sexualidade e raça, também os define entre corpos produtivos ou improdutivos e matáveis ou não matáveis. Assim, esse se torna o principal ponto de tensionamento da relação do poder com a alteridade, que estigmatiza os corpos através do artifício da abjeção do outro, sendo essa a principal operação reguladora desse “quadro de guerra”.

Para Kristeva a operação de abjetar é fundamental à manutenção do sujeito e igualmente da sociedade, enquanto a condição de ser abjeto é corrosiva de ambas as formações. Será o abjeto, então, destruidor do sujeito e da ordem social? ou, de certa forma, fundamental para eles? Se um sujeito ou uma sociedade abjeta o estranho que se encontra dentro, não seria a abjeção uma operação reguladora?
(FOSTER. Hal. **O retorno do real**. São Paulo, Ubu Editora, 2017 p.179.)

BUTLER (2009), destrincha esse quadro das guerras contemporâneas, ela coloca em evidência esses corpos que transcendem o padrão considerado produtivo para o biopoder, que em detrimento dessa logística classificatória sequer são pensados como vidas e muito menos como sujeitos, enquadrando tais narrativas em molduras que tornam suas ausências passíveis de luto.

O poder que deixa viver, também “faz morrer”, negando direitos básicos de existência para esses “corpos improdutivos”, evocando uma espécie de “putrefação em vida⁹”, a partir de múltiplas mortes sociais, em diversas fases desse corpo ao longo de sua vida. Através da exposição à morte, que se evidencia na necropolítica¹⁰.

Necropolítica [...] é um poder de determinação sobre a vida e a morte ao desprever o *status* político dos sujeitos. A diminuição ao biológico desumaniza e abre espaço para todo tipo de arbitrariedade e inumanidade.
(MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Trad: Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018,. Apud BORGES, Juliana. **Necropolítica na metrópole: extermínio de corpos, especulação de territórios**, 2017).

A partir dessas perspectivas, vida e morte podem ser interpretadas como dimensões escritas a partir da ordem do poder, na forma como ele se exerce sobre os corpos em nossa sociedade, produzindo abjeções e perturbando identidades.

⁹ BAUDRILLARD, Jean. **Death in Bataille**, in Fre Botting e Scott Wilson. **Bataille: A Critical Reader**. Oxford: Blackwell, 1998, p.139-141.

¹⁰ MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Trad: Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018 [2003].

2.2 Redução à vida nua.

Na contemporaneidade a identidade do sujeito está mais do que nunca em risco, os corpos considerados matáveis são restringidos à vida nua (AGAMBEN 1995), onde “a vida é reduzida a um estado de mera atualidade, indiferença, disformidade, impotência e banalidade biológica”, assim há uma perda do seu sentido de humanidade, essa concepção também se refere a um espaço altamente artificial, produzido pelas estruturas de poder que ao “excluir da proteção jurídica as formas de vida que não se submetem a sua ordem”¹¹ geram uma experiência de desproteção que acua esses corpos a um terreno vago referente ao estado de exceção¹². Assim o corpo não é só morto no sentido biológico, mas é mantido vivo em um “estado de injúria”, sob iminência de morte a todo instante.

Essa condição variante em torno da biopolítica evidencia um estado que está no limite do corpo morto, essa putrefação em vida se revela como sua própria condição de existência, é uma “vida que se arrasta como sombra de si mesma”¹³, que pode revelar em sua fragilidade em potencialidade enquanto corpo em estado de subversão, como fez Artaud em sua noção de corpo sem órgãos¹⁴ ou Hijikata no Butô¹⁵. Assim, tal compreensão nos sugere elaborar novas questões ao abjeto e sua relação com o espaço de identidade do sujeito contemporâneo, o corpo.

3 Distanásia, temporalidade e condição de existência despossuída.

Em perspectiva do entendimento de Vida Nua, referente ao corpo em subversão, podemos compreender que a única coisa que realmente lhe é própria é o poder de ser afetado, “sua afectibilidade¹⁶”, pois apenas lhe resta a indistinção, sua própria

¹¹ PELBART. Peter Pál. **O avesso do Niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: n-1 edições, 2013, p.33.

¹² AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**, trad. de Selvino Assmann. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

¹³ PELBART. Peter Pál. **O avesso do Niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: n-1 edições, 2013.

¹⁴ ARTAUD, Antonin. **The Theatre of Cruelty, in The Theory of the Modern Stage**. Ed. Eric Bentley. Penguin, 1968.

¹⁵ UNO, Kuniichi. **Hijikata Tatsumi - Penser un corps épuisé**. Les presses du réel, 2017.

¹⁶ PELBART. Peter Pál. **O avesso do Niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: n-1 edições, 2013, p.32.

atualidade, que o submete a um estado de espoliação, sendo esse um ponto potente de abertura para se refletir sua relação a partir da compreensão filosófica de patosofia¹⁷, onde “o que importa é um poder de ser afetado de mudar de estado, de transir”, em uma relação de simples testemunho ao seu próprio dispêndio.

O decesso referente a esse corpo evoca o mesmo estado de artificialidade da vida nua e sua mera atualidade pode se revelar em metáfora à temporalidade da distanásia:

“[...] a distanásia prolonga o definhar [...] é, pois, a morte lenta, ansiosa e com muito sofrimento, provocada pela insistência no uso dos modernos meios terapêuticos e aparelhos de manutenção artificial de funções vitais[...]”.
(VILLAS-BÔAS, Maria Elisa. **Da Eutanásia ao Prolongamento Artificial**. Rio de Janeiro, editora Forense 2005).

O sentido de distanásia que se faz necessário para compreender sua relevância conceitual à temporalidade do corpo em subversão, parte de duas relações essenciais, sendo a primeira “o prolongamento do definhar” em perspectiva da temporalidade indeterminada do corpo patosófico. Já a segunda se refere a própria vida que se sustenta em uma “condição de artificialidade” traçando assim um paralelo com a Vida Nua, em seu espaço altamente artificial. A partir dessa relação, distanásia pode ser interpretada como a própria atualidade do corpo subversivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações apresentadas em perspectiva dessa condição de existência despossuída que se revela em decomposição e subversão, não visam estabelecer respostas ou afirmações, mas sim levantar novos entrelaçamentos para o atravessamento da potencialidade desse corpo em perspectiva das reflexões políticas, psicológicas e filosóficas aqui apresentadas.

¹⁷ WEIZSÄCKER, Viktor von. **Pathosophie**, trad. fr. de Joris de Bisschop, Marc Ledoux et alli. Grenoble: Millon, 2011.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010 [1995].

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**, trad. de Selvino Assmann. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

ARIÈS, Philippe. **Essais sur l'histoire de la mort en Occident: du Moyen Âge à nos jours**. Paris: Seuil, 1977.

ARTAUD, Antonin. **The Theatre of Cruelty, in The Theory of the Modern Stage**. Ed. Eric Bentley. Penguin, 1968.

BAUDRILLARD, Jean. **Death in Bataille**, in Fre Botting e Scott Wilson. **Bataille: A Critical Reader**. Oxford: Blackwell, 1998.

BORGES, Juliana. **Necropolítica na metrópole: extermínio de corpos, especulação de territórios**, 2017.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016 [2009].

FOSTER. Hal. **O retorno do real**. São Paulo, Ubu Editora, 2017 p.179.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France**. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, M. **La volonté de savoir**. Paris: Gallimard, 1976.

GREINER, Christine. **Leituras da morte**. São Paulo: Annablume, 2007. (Coleção Leituras do Corpo).

GREINER, Christine. **O corpo em crise: novas pistas e o curto-circuito das representações**. São Paulo: Annablume, 2010. (Coleção Leituras do Corpo).

KOVÁCS. Maria Julia. **Rev. bioét. São Paulo, Instituto de Psicologia da USP**, 2014. p.95.

KRISTEVA, Julia. **Powers of horror: an essay on abjection**. New York: Columbia University Press, 1982.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

MBEMBE, Achille. **Necropolitics**. Libby Meintjes. Public Culture, Volume 15, Number 1, Winter 2003. [Ed. bras: **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Trad: Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018].

OLIVEIRA, Fátima. **Bioética: uma face da cidadania**. São Paulo, Moderna, 8a impressão, 2004.

PELBART. Peter Pál. **O avesso do Niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: n-1 edições, 2013, p.32.

UNO, Kuniichi. **Hijikata Tatsumi - Penser un corps épuisé**. Les presses du réel, 2017.

VILLACA. Nizia. **Corpo e contemporaneidade**. Rio de Janeiro, 2º semestre 2006.

VILLAS-BÔAS, Maria Elisa. **Da Eutanásia ao Prolongamento Artificial**. Rio de Janeiro, editora Forense 2005.

WEIZSÄCKER, Viktor von. **Pathosophie**, trad. fr. de Joris de Bisschop, Marc Ledoux et alli. Grenoble: Millon, 2011.